

desafio da aprendizagem reconstrutiva política e aí servir de apoio sistemático. Avalia-se para garantir o direito de aprender. Este desafio compensa todas as misérias da avaliação e que, como vimos, são inúmeras e preocupantes. O aluno precisa elaborar toda semana — este é requisito fundamental, ainda que não cabal, nem exclusivo. Em vez de ficar escutando o professor, tomando nota do que diz ou escreve no quadro, copiar a apostila ou o livro didático, o aluno deve ser levado a produzir textos próprios, começando do começo. Nada do que ocorre em sala de aula pode ser reproduzido, nem a aula do professor. Tudo que existe em sala de aula não passa de “material de pesquisa”, que deve ser manejado pelo aluno na condição de sujeito, não de objeto. Por exemplo, livro didático não pode ser “cartilha” ou apostila que encerra tudo que o aluno tem a aprender, mas é apenas referência de pesquisa. Não cabe copiar, mas, por exemplo, comparar criticamente vários livros didáticos, desconstruir apostilas para mostrar o quanto são reprodutivas, procurar dados, teorias, conceitos em livros e outros materiais, inclusive eletrônicos, para que sejam, todos, reconstruídos. A escola não pode girar em torno de um livro didático, mas deve tê-los na abundância e variedade necessárias para sejam estudados, esquadriñados, desconstruídos, dentro da ideia de que temos um autor para nos tornarmos autores.

O aluno não vem para a escola escutar aula. Vem para reconstruir conhecimento e arquitetar sua cidadania integral (corporal, emocional e espiritual). Sala de aula é, antes de tudo, ambiente de estudo e pesquisa, pela razão simples de que pesquisa é o ambiente de aprendizagem (Demo, 1996a). Pesquisa não é atividade esporádica, eventual, voluntária, intermitente, mas centro da dinâmica autopoietica da aprendizagem. Podemos banalizar pesquisa, como, aliás, é comum entre professores que, não sabendo pesquisar, imaginam-se capazes de fazer o aluno pesquisar. Mas os professores podem aprender a pesquisar, não para se tornarem pesquisadores profissionais, mas profissionais pesquisadores. Pesquisa será vista principalmente como “princípio educativo”, ou seja, expediente que condança o saber ensinar a datán ferra formativa dariciva O aluno

## Capítulo 6

### Aprendizagem e avaliação

Neste capítulo final pretendo sumariar nosso roteiro de trabalho e realçar reiteradamente a ligação intrínseca entre avaliação e aprendizagem, que é, na verdade, a única razão de ser da avaliação. Como diz Hoffmann (2001), é preciso “avaliar para promover”. Devo adiantar que não é viável trabalhar todos os aspectos relevantes da avaliação, do que resulta sempre alguma seleção privilegiada de tópicos. Este texto, assim, não substitui os outros ou os torna descartáveis. Muito ao contrário, representa apenas uma contribuição a mais e talvez detenha de próprio um olhar próprio, o que já pode ser amplamente satisfatório. Assim espero.

**1.** O foco da avaliação precisa ser retirado da prova e de outras querelas que giram em torno da prova, como nota, para centrar-se no

pesquisa de acordo com sua idade, estágio de desenvolvimento intelectual, ritmo curricular. Mais que acatar conhecimento, precisa saber confrontar-se com ele, desconstruindo e reconstruindo.

A finalidade da avaliação é de cuidar todo dia deste processo. Muda a posição do professor: Não é transmissor de conhecimento, porque sua função não é instruir, mas educar, formar. Seu desafio socrático emerge com toda força: é de provocação, orientação, instigação, sobretudo de "cuidado". Cuidar da aprendizagem traduz, ademais, a integralidade do processo de aprendizagem, que nunca se reduz ao aspecto racional lógico. Está em jogo a formação da personalidade humana como um todo. Quando usamos o conceito de "saber pensar", é crucial não reduzir a diatribes formais, como se "cabeça" fosse tudo, até porque o cérebro não detém apenas o centro da racionalidade. Detém, na mesma importância, o centro da emoção e da espiritualidade. Nisto também a nota é uma caricatura triste, porque se prende a algo no fundo totalmente equivocado, que é a reprodução copiada de conhecimento copiado.

Em vez de abjurar a avaliação, seria o caso aprimorar sistematicamente a habilidade avaliativa, sob todos os ângulos: saber observar o aluno como um todo; desenvolver a mirada penetrante do professor que sabe ler a alma do aluno; usar de maneira inteligente todos os instrumentos disponíveis de avaliação quantitativa e qualitativa; participar como parceiro mais velho do ambiente de aprendizagem; agindo, não como instrutor, mas como educador; ganhar a confiança dos alunos, a ponto de o relacionamento reverter-se em autonomia deles, não de tutela; provocar ambiente de trabalho produtivo, sem perder o sentido do lúdico e do envolvimento; estudar com afincos as dificuldades de aprendizagem e possíveis iniciativas para resgatar o direito do aluno de aprender; enfrentar com criatividade novas dificuldades de aprendizagem; saber motivar, desafiando os alunos; estudar sempre, para poder oferecer aos alunos o que há de melhor e mais avançado no conhecimento. Vale a máxima: em todo processo avaliativo, quem é mais avaliado é o avaliador. É

**2.** É sempre boa ideia começar o semestre ou o ano com uma semana de avaliação, para podermos ter clareza sobre a condição de cada aluno. Quem não faz isso começa dando aula e assim segue, sem se preocupar muito se os alunos estão acompanhando, até porque entende como acompanhamento a prova, e que pode ser totalmente reprodutiva: mesmo o aluno que não aprendeu nada, mas sabe memorizar, pode sair-se bem neste tipo de prova. Se esta semana for mal posta, pode ser um terror, porque os alunos podem interpretar como enquadramento autoritário. Já precisa entrar em cena a habilidade avaliativa do professor. É fundamental saber diagnosticar, sem matar. Os alunos precisam perceber, com a maior clareza possível, que se trata de cuidar de sua aprendizagem, não de os estigmatizar e humilhar. Trata-se de resgatar a chance de cada um, inclusive superar empecilhos anteriores que ficaram pelo caminho. Da descoberta de que muitos alunos não aprenderam o esperado não decorre nada além do cuidado ainda maior com sua aprendizagem.

É também ideia boa, parar de vez em quando, pelo menos entre os professores, para colocar a pergunta fátidica: os alunos estão aprendendo bem? Os dados asseguram que não aprendem bem. Este parece ser fato curto e grosso. Assim sendo, caberia, sempre de novo, obsessivamente, perguntar-se até que ponto os alunos estão aprendendo dentro das expectativas, pelas razões de baixa aprendizagem, por estratégias de resgate do direito de aprender. Uma coisa é "passar de ano", outra é aprender. De modo geral, a repetência está em queda, mas a aprendizagem não parece estar em alta, em grande parte por conta da progressão automática. Não é tolerável descobrir na 8ª série que a maioria dos alunos não entende o que lê. Isto condena a escola de alto a baixo, ainda que nunca seja o caso brandir qualquer acusação de culpa, porque, no fundo, trata-se do mesmo sistema e do mesmo processo histórico. O que preocupa, acima de tudo, é que a escola não parece reagir. De certa maneira, parece estar capitulando. Progressão automática é pura canibalização.

3. Sempre se pergunta também como dar conta de alunos repetentes ou que correm risco de repetir o ano. Olhando para dados sobre distorção idade/série, há regiões onde os sistemas municipais possuem 2/3 de seus alunos fora da idade correta. Neste caso, torna-se desafio absolutamente ingente, quase impossível. Impossível não deveria ser, porque se aprendizagem um dia se tornar impossível na escola, ela não teria razão de ser. O problema/desafio é dar conta de tantos alunos em risco de repetir, quando já são maioria. Na expectativa normal, deveriam poder ser resgatados dentro do processo letivo, tomando-se alguns cuidados, sem separá-los da turma. Por vezes uma atenção maior por parte do professor, um processo avaliativo mais metódico e diferenciado, o manejo de exercícios específicos para serem feitos em casa ou fora da sala de aula, o apoio dos pais conclamados para colaborar na tarefa de resgate, etc., podem ser suficientes. Em alguns lugares oferecem-se aos alunos, por exemplo, no período da tarde, oportunidades de “reforço escolar”, expresso já comum para indicar a necessidade que tais alunos têm para poder acompanhar o ritmo curricular. Tais ofertas frequentemente também são coisa pobre para o pobre, além de terem outras finalidades sociais, como retirar adolescentes da ociosidade. Em certa medida, este “reforço” está se tornando uma indústria, à medida que muitos pais recorrem a professores contratados para cuidar do filho que não acompanha bem as aulas. Ao fundo, esta indústria, ao lado de sua perversidade para com famílias que precisam gastar mais esses recursos financeiros, denota o fracasso da escola que não consegue fazer os alunos aprenderem adequadamente.

Na escola, deve-se, como todos os educadores sugerem, evitar separar alunos em atraso, porque facilmente são estigmatizados. Apesar disso, a realidade pode falar mais alto do que as boas intenções teóricas. Conforme for o tamanho do atraso, será o caso organizar programas separados para alunos que, sem eles, não poderiam acompanhar os outros. Isto pode ocorrer por muitas razões, entre elas algumas bem compreensíveis, como transferência tardia, doença prolongada, necessidade de trabalhar, sem falar no acúmulo de repetências. Quando a es-

cola não toma a sério a repetência, a distorção idade/série pode chegar a proporções incontrolláveis: para arrumar o fluxo de maneira adequada, isto suporia começar tudo de novo. É o caso, por exemplo, de alunos que estão na 8ª série, mas sabem mal e mal a matemática prevista para a 4ª série. Difícilmente seria viável arrumar esta situação sem o recurso a programas especiais e separados. Ao mesmo tempo, se o professor, por via de avaliação bem feita, descobrir que a maioria de seus alunos não tem o nível previsto para a série em questão, será o caso perguntar se é preferível trabalhar a série prevista, ou começar de novo... Por estas e outras razões, é fundamental evitar a repetência. Os problemas só se acumulam e acabam tornando-se incontrolláveis.

4. Assim, entendo que, em condições normais, o professor poderia ser capaz de, avaliando conscienciosamente, evitar que alunos se retardem e venham a correr risco de reprovação. Para tanto é indispensável acompanhar de perto todo aluno em risco. Será possível, assim, evitar tratamentos separados ou que poderiam redundar em estigmatização. Esta é a perspectiva esperada de um professor que em fato cuida da aprendizagem de seus alunos. Entretanto, se isto não bastar, terá que recorrer a atividades ulteriores e específicas, como, por exemplo, exercícios especiais, recurso ao cuidado dos pais, e talvez mesmo alguma programação *ad hoc* dentro da escola, após as aulas ou no sábado. Entretanto, tais atividades correm sempre o risco de estigmatizar o aluno, porque, embora tenham em mente superar o atraso, também o escancarara para todo mundo ver. A ideia de oferecer aos alunos fora da escola chances de “reforço” pode ser pertinente, desde que não descambe em farsas, em particular em coisas pobres para os pobres. A perspectiva da bolsa-escola mostrou, ao lado de aspectos muito positivos, em particular em termos sociais familiares, que a aprendizagem pode continuar muito baixa, porque nada substitui o esforço do aluno de aprender. Sem falar que há bolsas-escola infames, quando repassam quantias vis, para o pobre aprender bem precisa muito mais que sanar misérias materiais de sua família, por mais que isto seja essencial também. Neste sentido, a 1ª série é abso-

lutamente estratégica: se começar bem, tem chance de avançar bem. Se começar mal, tudo pode piorar. Por isso, nesta série teria que estar o professor mais bem formado e mais bem pago. É ingente a tarefa deste professor. Difícilmente haveria profissão mais estratégica.

**5.** Com isto estou afirmando que avaliação deveria voltar-se, entre outras coisas, para o combate acirrado contra o fracasso escolar (Patto, 1993). Resumindo as ideias lançadas acima, podemos organizar este combate mais ou menos da seguinte forma, começando pela situação considerada normal (alunos que apresentam dificuldade de aprender) até situações de extremo desafio (alta distorção idade/série e altos índices de repetência), sem esperar disso, obviamente, alguma receita pronta:

#### Intensidade

#### Táticas de enfrentamento

**1. dificuldade moderada** - a) apurar a avaliação, voltada em especial sobre tais alunos, de modo a **rada de aprender** conhecer claramente a situação; (atraso considerado normal, que não implica separar os alunos em risco)

- b) aplicar exercícios de pesquisa e elaboração própria voltados em particular para tais alunos;
- c) desenvolver iniciativas de cuidado mais intenso com tais alunos, sob formas de acompanhamento mais próximo; o aluno deve perceber o envolvimento do professor com seu êxito escolar;
- d) usar técnicas de estudo em grupo, colocando tais alunos em grupos que aprendem bem; desenvolver este tipo de solidariedade entre pares;
- e) organizar incentivos para o desempenho de tais alunos, desde que não farsantes ou forçados.

**2. dificuldade média** (atraso considerado preocupante, mas que não implica ainda separar os alunos em risco)

- a) apurar ainda mais a avaliação, de sorte a ter nas mãos a condição dos alunos em risco; apontar causas e saber aquilatar sua dimensão;
- b) manter orientação especial, em particular durante a aula, mas também depois dela, para acertar o passo;
- c) manifestar cuidado intenso com tais alunos; devem perceber o empenho do professor; de sorte a montar ambiente de empreitada conjunta;
- d) organizar exercícios específicos e constantes, com vistas a retirar o atraso;
- e) inventar de todos os modos o bom desempenho, sem inventar farsas ou forçar as coisas; acentuar caráter pedagógico da avaliação e da crítica;
- f) conclamar os pais ou responsáveis; para que colaborem neste acompanhamento mais de perto;
- g) oferecer, a título de adesão voluntária, oportunidades na escola para recuperar atrasos (aulas de "reforço", grupos *ad hoc* de trabalho, lugar especial na biblioteca);
- h) se for o caso, apelar para a orientação educacional ou a outros apoios técnicos;

#### Intensidade

#### Táticas de enfrentamento

**3. dificuldade elevada** (considerada extremamente preocupante e implicando também atividades separadas)

- a) através de avaliação profunda, descobrir e analisar as causas, intrínsecas e extrínsecas; discriminar causas tratáveis pela escola e outras instâncias fora da escola, e causas pouco ou nada tratáveis, que escapam ao controle;
- b) cuidar assiduamente de tais alunos durante as aulas e programações curriculares; o envolvimento dos professores precisa ser ostensivo e confiável;
- c) conclamar os pais ou responsáveis e propor ações conjuntas e articuladas; se possível, comprometer também a comunidade;
- d) organizar atividades separadas na escola e fora dela, em tempos especiais (aulas de "reforço", exercícios específicos voltados para as lacunas, composição de grupos de professores dedicados a esta causa, feitura de material didático específico, estudo e prática de técnicas de uso alternativo dos tempos, para apressar o passo, recurso a especialistas, quando necessário);
- e) organizar atividades para além do tempo letivo (férias, por exemplo), buscando recuperar os atrasos; preparar a escola e professores para isso;
- f) oferecer incentivos mais decisivos para o envolvimento dos alunos (em particular, cuidar que as atividades separadas sejam atraentes e profícuas);
- g) gerar e gerir apoios psico-sociais para tais alunos, visando, entre outras coisas, evitar a estigmatização, a tentação de abandonar a escola, a propensão de desanimar;
- h) arquitetar na escola como um todo ambiente positivo, instigante de cuidado extremo com o desafio da aprendizagem de todos, em especial dos alunos que disso mais precisam; valorizar em particular o desempenho desses alunos.

**6.** Para cuidar da aprendizagem, é preciso avaliar sempre, como rotina escolar.

Quem cuida não perde de vista.

Avaliação precisa ser "pedagogia", não instrucionismo.

É crucial respeitar a ética da avaliação, em sua lógica e em sua democracia.

Acima de tudo está o direito de aprender.